

LITERATURA E FOLCLORE: OS PARALELOS NA CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NACIONAL BRASILEIRA

LITERATURE AND FOLKLORE: PARALLELS IN THE
CONSTRUCTION OF BRAZILIAN NATIONAL IDENTITY

*Dibo Mussi Neto*¹

*João Paulo Moda Paladino*²

1 Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto. Mestre em Letras, pela UNESP - dibo.mussi@unesp.br

2 Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Letras, do Instituto de Biociências, Letras e Ciências Exatas, da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP, Câmpus de São José do Rio Preto. Docente de Desenvolvimento Social no SENAC de São José do Rio Preto/SP - joao.paladino@unesp.br

RESUMO: O presente artigo tem como objetivo traçar paralelos entre a literatura e os estudos folclóricos como delineadores da identidade nacional brasileira. Adotamos, para exemplificar, o mito do Saci-Pererê, e pretendemos, com ele, demonstrar a união dos conceitos de folclore, de cultura brasileira, de literatura e oralidade para a construção de uma identidade nacional brasileira. A reflexão aqui exposta se ancora no desejo de contemplar a importância dos mitos na construção da identidade popular e no modo como a cultura se ressignifica em meio ao desenvolvimento humano em sociedade.

PALAVRAS-CHAVE: Folclore; Oralidade; Literatura brasileira; Identidade nacional; Saci-Pererê.

ABSTRACT: This paper aims at drawing parallels between literature and folklore studies in delineating Brazilian national identity. To exemplify, we adopt the Saci-Pererê myth to show the confluence of the concept of folklore, Brazilian culture, literature and orality in the creation of Brazilian national identity. The reflection outlined is anchored in the desire of contemplating the importance of myths in the construction of popular identity and in the way culture is reframed throughout human development in society.

KEYWORDS: Folklore; Orality; Brazilian Literature; National Identity; Saci-Pererê.

*Olhos de brasa, pretinho
De carapuça vermelha -
Uma só perna, um negrinho
Saltita - na estrada velha*

*E vivo, esperto, na estrada,
Assobia, guincha, pula,
Solta a estranha gargalhada
Que dói até na medula...*

*Puxe, depressa, o "bentinho" -
Caminheiro - pois não vê
Que esse maldito negrinho
É o Saci-pererê?³*

O FOLCLORE E A IDENTIDADE NACIONAL

Os paralelos entre o folclore e a literatura são inúmeros e perpassam por uma jornada de construções consolidadas na oralidade e nos costumes advindos do âmbito popular de uma nação. É fato que o folclore, bem como suas superstições e mitos, é a resistência da cultura do povo unida à maneira como se manifesta a identidade de uma comunidade específica.

Diante disso, é importante recordar o que concebemos por cultura popular brasileira e por identidade nacional, uma vez que, ao pretender uma reflexão acerca do território nacional, nos deparamos com um país formado por múltiplas culturas, raças, línguas, linguagens e perspectivas do eu e do outro. Assim, se torna apropriada a observação de como os costumes e crenças tornam-se populares e, consequente-

3 Trecho de depoimento em verso, do doutor Ulysses de Souza e Silva, no Inquérito promovido por Monteiro Lobato, p. 250-254.

mente, são registradas, gerando, então, narrativas que traduzem e expressam o que, mais tarde, denominamos *tradição*.

Segundo Cascudo (1984), o folclórico decorre da memória coletiva, indistinta e contínua. Deverá ser sempre o popular e mais uma sobrevivência, ou seja, aquilo que a simpatia popular divulga é despersonalizado e perpetuado como folclore.

Todos os países do mundo, raças, grupos humanos, famílias, classes profissionais possuem um patrimônio de tradições que se transmite oralmente e é defendido e conservado pelo costume. Esse patrimônio é milenar e contemporâneo. Cresce com os conhecimentos diários desde que se integrem nos hábitos grupais, domésticos ou nacionais. Esse patrimônio é o FOLCLORE, *Folk*, povo, nação, família, parentalha. *Lore*, instrução, conhecimento na acepção da consciência individual do saber. Saber que sabe. Contemporaneidade, atualização imediatista do conhecimento. (CASCUDO, 1967, p.9)

Para ilustrar esse nosso primeiro esboço, de um ensaio maior, em preparo, nós utilizaremos a figura do *Çaa cy perereg4* ou, simplesmente, Saci-Pererê. Para tanto, buscamos respaldo em um inquérito de abrangência nacional, veiculado no *Jornal O Estado de São Paulo*, edição vespertina, no ano de 1917, que foi idealizado por Monteiro Lobato, e teve a participação de muitos leitores, originalmente intitulado “Mitologia brasílica”. Trata-se de uma investigação séria, dito científica, para perquirir a lenda do Saci, “para tirar a limpo o que de positivo havia na memória da nossa gente sobre o insigne pernetá” (LOBATO, 2008, p. 36). Em 1918, Lobato reúne os depoimentos angariados no inquérito em uma edição fac-símile¹ intitulada: *Saci-Pererê: resultado de um inquérito*.

4 Cf. Marcia Camargos, “Um símbolo de resistência”, in: LOBATO, M. *O Saci-pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo: Globo, 2008. Trata-se de um “mito tupi-guarani surgido há mais de dois séculos na região fronteira com o Paraguai, chamado *Çaa cy perereg* ou ‘olho mau saltitante’”.

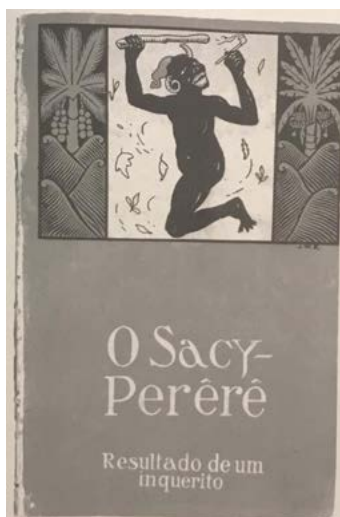


Figura 1: Capa da 1ª edição, com ilustração de J. Washt Rodrigues, 1918⁵

Cabe destacarmos, aqui, que encontramos em Figueiredo e Noronha, no texto intitulado *Identidade nacional e identidade cultural*, o **folclore** como um dos elementos constitutivos de uma identidade nacional:

A construção de uma identidade nacional passa, assim, por uma série de mediações que permitem a invenção do que é comumente chamado de “alma nacional”, ou seja, parâmetros simbólicos que funcionam como “provas” da existência desse Estado, e que determinam a sua originalidade: uma língua comum, uma história cujas raízes sejam as mais longínquas possíveis, um panteão de heróis que encarnem as virtudes nacionais, um folclore, uma natureza particular, uma bandeira e outros símbolos oficiais ou populares. (FIGUEIREDO e NORONHA, 2005, p. 192, grifo nosso)

À vista disso, é necessário observar a formação da identidade nacional brasileira, as origens dos povos que a compõem, os costumes e a cultura em sua complexidade, entendendo, assim, a identidade como multiforme e muito além de possíveis definições homogêneas e limitantes.

5 Todas as ilustrações presentes no artigo foram reproduzidas a partir da obra de Monteiro Lobato, *O Sacy-Pererê: resultado de um inquerito*. São Paulo: Globo, 2008, e trazem as legendas tais quais constam no livro.

A literatura oral brasileira se comporá dos elementos trazidos pelas três raças para a memória e uso do povo atual. Indígenas, portugueses e africanos possuíam cantos, danças, estórias, lembranças guerreiras, mitos, cantigas de embalar, anedotas, poetas e cantores profissionais, uma já longa e espalhada admiração ao redor dos homens que sabiam falar e entoar. (CASCUDO, 1984, p. 29)

Nas palavras de Monteiro Lobato, o Saci é “filho da imaginação coletiva”, é uma “resultante psíquica do nosso povo”. (LOBATO, 2008, p. 38). Nas palavras de Márcia Camargos, responsável pela consultoria e pesquisa, da edição de 2008, da obra de Lobato, no texto intitulado “Um símbolo de resistência”, o Saci é:

Produto da imaginação coletiva, ele representa, para Lobato, uma necessidade “psicológica” de explicar inúmeros fenômenos cujas causas naturais escapam à compreensão das pessoas comuns. (LOBATO, 2008, p. 16)

Tudo isso posto, encontramos na conclusão do inquérito, que o mito do Saci, pertencente a literatura oral do nosso país, coaduna elementos das três raças formadoras de nossa nação, a saber: os indígenas, os portugueses e os africanos. Nas palavras de José Antônio Nogueira:

Tem-se escrito que tal credence é devida ao elemento indígena e africano, como se a colaboração do branco tivesse sido nula ou quase nula. entretanto, essa não nos parece ser a verdade. a fisionomia moral ou espiritual do singular duende é claramente indicativa de que em sua elaboração interveio a mentalidade do homem civilizado⁶. (LOBATO, 2008, p. 361)

6 José Antônio Nogueira afirma que apenas os europeus são civilizados. Para o autor, amigo de Lobato, os vermelhos e os pretos não são capazes de conceber uma entidade como o saci. Segundo ele, do selvagem, “se pode dizer que não é capaz de conceber um deus que dance e ria. A ideia de uma divindade brejeira, de um ser sobrenatural, amigo do saltarilhar e de gracejar, à feição do saci, não sairia senão da cabeça de um civilizado”. Assegura, ainda, que os negros, em seus rituais africanos, veneravam certos feitiços “muzimos”, cujas características eram sérias: “bons ou maus, não riam, nem se deixavam meter a riso.” Exemplifica com os gregos, que “tinham ‘demônios’ alegres, apaixonados da dança e do riso”; e com os portugueses, do qual: “a figura engraçada e espiritual do

À vista disso, é legítimo inferir, no exposto até aqui, que é possível vislumbrar as contribuições da literatura oral nos registros formais e a maneira como a tradição se configura, evolui e delinea a identidade nacional de um povo construído através de seu folclore.

O FOLCLORE E A LITERATURA

Ao falar de tradição, que são as heranças culturais passadas de geração para geração e a forma como esses conceitos são ressignificados pelo homem, é perceptível que o folclore não é passível de extinção, mas sim, de reconfiguração e adaptação.

A literatura oral é mantida e movimentada pela tradição. É uma força obscura e poderosa, fazendo a transmissão, pela oralidade, de geração em geração. Ninguém defende essa virtude mnemônica nem há um exercício para sua perpetuação. (CASCUDO, 1984, p. 165)

Diante dessa assertiva, verifica-se uma espécie de reciclagem cultural, na qual conceitos estabelecidos anteriormente e já conhecidos pelo povo são (re)interpretados e utilizados de acordo com as necessidades da vida em sociedade. É necessário reconhecer, então, que ao tratar de Brasil, enquanto unidade, trata-se também da tessitura de um país de diversidades regionais que transitam de um lugar para outro e se ancoram na coletividade e nas instâncias sociais.

Sobrelevar que a diversidade e a hibridização verificadas na constituição do ser brasileiro é figurada através do cruzamento dos mitos, de mundos, das religiões e das múltiplas culturas e caracteres que se tornam um por meio do folclore é extremamente essencial para a compreensão do exposto até aqui, uma vez que, investigar a

irrequieto diabrete denuncia transparentemente o riso, a cachaça, o bom humor português – bom humor de que se encontram muitíssimas amostras nas canções e festas populares”. Para concluir, Nogueira explica que, no caso do mito do Saci, “interveio a colaboração do civilizado”, [...], “perdeu o vago, personalizou-se e transformou-se no gnomo zombeteiro que conhecemos”. (LOBATO, 2008, p. 361-364)

cultura formada na oralidade e depois a examinar como registro formal, implica na constatação da pluralidade identitária e da impossibilidade de uma teorização uniforme do conceito de identidade nacional.

Pensando nessa ideia de pluralidade identitária, temos revelado, em Figueiredo e Noronha, algo que torna ainda mais complexa a questão, o fato de que “embora a ideia de nação permaneça como referente, seu patrimônio simbólico pode se transformar historicamente em função de novos objetos” (FIGUEIREDO e NORONHA, 2005, p. 193), ou seja, além de tratarmos de uma identidade plural, ela se transforma ao longo do tempo.

Exemplo disso, é a obra de Lobato, que chamamos obra-chave desse nosso breve texto, cujo epílogo, começa por dizer:

Esse livro tem o mérito de fixar um momento da vida duma superstição popular. Como tudo, as superstições evoluem, determinadas pelo meio ambiente e pelas variações etnológicas. Nascem, crescem - e não morrem. Transformam-se. (LOBATO, 2008, p. 367)

Neste momento, é pertinente explicitar um encontro entre o folclore e a literatura. Diversas obras podem figurar e motivar a reflexão dos registros do que é oral, da percepção das relações sociais por meio de gestos, mitos, lendas e crenças repetidas e ressignificadas como meio de perpetuar uma cultura e torná-la resistente ao tempo e à modernidade.

Lobato cumpre bem esse papel, ao fixar o mito do Saci, por meio de um inquérito, colhendo diversas vozes e múltiplas versões para os conteúdos lendários e comportamentais do pequeno diabinho. É curioso notar nos depoimentos do inquérito, que vieram de diversas partes do país, como a própria personificação do Saci, em uma mesma época (1917, quando os depoimentos foram enviados para redação do *Jornal O Estado de São Paulo*), é multifacetada e híbrida, indo de versões com chifre e cheiro de enxofre até versões de menino que veste gorro vermelho e faz travessuras.



Figura 2: Saci, desenho a nanquim de M. Lobato



Figura 3: O Saci e o caipira, aquarela de Richter

Nas ilustrações aqui reproduzidas, temos a concretização pictórica do Saci. Todas mostram a resultante da humanização desse símbolo folclórico que carrega a adição de sensações e temores humanos, como a desordem, o medo, a magia, dentre outros elementos componentes da identidade formadora da cultura brasileira. O negrinho de apenas uma perna surge enquanto produto do que não se explica de maneira racional e científica. No desenho de Lobato, observamos uma síntese didática e um tanto infantil do que concebemos por Saci Pererê. Já na aquarela de Richter, a

figura folclórica é minimizada, dando maior destaque a reação humana em função do encontro com a entidade mitológica em questão.

Para além disso, vale evidenciar a importância e a necessidade de registrar e compreender o que é popular transitando entre o incipiente oral e o erudito literário, percebendo como a oralidade é essencial para a formação da literatura, bem como o popular se faz campo de experimentação para as constatações científicas que se apresentam como norma:

A literatura que chamamos oficial, pela sua obediência aos ritos modernos ou antigos de escolas ou predileções individuais, expressa uma ação refletida e puramente intelectual. A sua irmã mais velha, a outra, a bem velha e popular, age falando, cantando, representando, dançando no meio do povo, nos terreiros das fazendas, nos pátios das igrejas nas noites de “novena”, nas festas tradicionais do ciclo do gado [...] Ninguém deduzirá como o povo conhece a sua literatura e defende as características imutáveis de seus gêneros. É como um estranho e misterioso cânon para cujo conhecimento não fomos iniciados. Iniciação que é uma longa capitalização de contatos seculares com o espírito da própria manifestação da cultura coletiva. (CASCUDO, 1984, p. 27)

Para Lobato, a maneira correta a se proceder é a de que o artista “se é um garimpeiro de talento, mergulhe no seio do povo e lá bateie na ganga rude o ouro da lei”. E continua citando Homero, Plotino, Fídias, Praxíteles, Aristófanes que “frequentavam o povo, conviviam com ele, impregnava-se das suas crenças, ouviam-lhe as histórias; e saíam deles cheios de ideias, de formas, de coragem, de inspiração.” Para concluir que a fonte de água pura é uma só: “o povo”. (LOBATO, 2008, p. 37).

Salientamos, aqui, que as ponderações presentes em nosso artigo, não se ancoram na adoção de uma verdade incontestável para o eixo que se pretende observar. É nesse sentido, que nos pareceu pertinente o olhar para as concepções de Candido (1973), que tenta explicitar as motivações sociais contidas nas produções artísticas:

Tomemos os três elementos fundamentais da comunicação artística — autor, obra, público — e vejamos sucessivamente como a sociedade define a posição e o papel do artista; como a obra depende

dos recursos técnicos para incorporar os valores propostos; como se configuram os públicos. Tudo isso interessa na medida em que esclarece a produção artística, e, embora nos ocupemos aqui principalmente com um dos sentidos da relação (sociedade-arte), faremos as referências necessárias para que se perceba a importância do outro (arte-sociedade). Com efeito, a atividade do artista estimula a diferenciação de grupos; a criação de obras modifica os recursos de comunicação expressiva; as obras delimitam e organizam o público. Vendo os problemas sob esta dupla perspectiva, percebe-se o movimento dialético que engloba a arte e a sociedade num vasto sistema solidário de influências recíprocas. (CANDIDO, 1973, p. 32-33)

Com efeito, a realidade do povo é o eixo que nos possibilita vislumbrar as transformações, aquisições e ressignificações consideradas com o desejo de aproximar o popular do científico e, mostrar, assim, a importância da literatura na performance humana, das tradições populares na constituição literária e do folclore como identidade e exercício da autenticidade nacional.

CONCLUSÃO

Levando-se em conta os paralelos que compõem o que denominamos como identidade nacional, nos parece oportuno abonar a importância do folclore e dos registros do mesmo como ferramentas de construção e perpetuação de uma cultura geradora do caráter nacional de um povo. Compreender a transitoriedade folclórica nos ambientes populares e clássicos nos faz perceber a construção de cânones que se configuram através dos costumes e do que poderíamos titular de identidade nacional. Perceber as ressignificações das tradições e a maneira como o indivíduo se apropria do folclore a fim de construir sentidos e relações em seu meio foi primordial para apreender o modo como mitos, figuras, gestos e outros elementos componentes do repertório popular, como o Saci-Pererê, se fazem e se refazem, transcendendo os limites temporais, geográficos e categóricos. Assim, salientamos a relevância dos estudos que apontam para tais questões.

REFERÊNCIAS

- CANDIDO, Antônio. *Literatura e Sociedade: Estudos de Teoria e História Literária*. 3. ed. São Paulo: Editora Nacional, 1973.
- CASCUDO, Luís da Câmara. *Folclore no Brasil*. Rio de Janeiro: Fundo de cultura, 1967.
- CASCUDO, Luís da Câmara, 1898-1986. *Literatura oral no Brasil/ Luis da Camara Cascudo*. - 3. ed. - Belo Horizonte: Ed. Itatiaia; São Paulo: Ed. da Universidade de São Paulo, 1984. (Reconquista do Brasil; nova sér.; v. 84).
- FIGUEIREDO, Eurídice; NORONHA, Jovita Maria Gerheim. *Identidade nacional e identidade cultural*. In: _____. *Conceitos de literatura e cultura*. Niterói / Juiz de Fora: EdUFF / Editora UFJF, 2005, p. 189-205.
- LOBATO, Monteiro. *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*. São Paulo: Globo, 2008.